

# Os bastidores da construção do dicionário “Aurélio”

Marcelo Módolo<sup>a</sup> 

## Resenha de:

MOTTA, Cezar. *Por trás das palavras*: as intrigas e disputas que marcaram a criação do dicionário Aurélio, o maior fenômeno do mercado editorial brasileiro. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2020. 192p.

O jornalista Cezar Motta é natural de Niterói e se formou pela Universidade Federal Fluminense. Trabalhou nas rádios *Nacional* e *Jornal do Brasil*, na *TV Globo*, na revista *Veja* e nos jornais *O Fluminense*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *Correio Braziliense* e *Zero Hora*. Passou ainda pela Comunicação Social do Senado Federal. Como escritor e pesquisador, tem se dedicado a projetos historiográficos, notadamente, *Até a última página: uma história do Jornal do Brasil* (2018) e *Por trás das palavras* (2020), sua obra mais recente – aqui resenhada, que revela os bastidores do trabalho que resultou em um dos dicionários mais famosos do país, o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*.

*Por trás das palavras* é obra de jornalismo investigativo, espécie de biografia de um grande livro, o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*, editado no Brasil e lançado originalmente

## Declaração de financiamento

Este trabalho contou com o suporte financeiro do CNPq, Bolsa de produtividade em pesquisa – nível 2, processo número 308793/2019-6.

Recebido em: 11/01/2021

Aceito em: 31/05/2021

<sup>a</sup>Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: modolo@usp.br

## Como citar:

MÓDOLO, M. Os bastidores da construção do dicionário “Aurélio”. *Gragoatá*, Niterói, v.26, n.56, p. 1348-1352, 2021. <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.48116>>

em fins de 1975 pela Editora Nova Fronteira. As vendas da primeira edição alcançaram mais de um milhão de exemplares até 1987, data da segunda edição.

Texto para se ler "em uma sentada", *Por trás das palavras* reconstitui o clima da época entre escritores, acadêmicos, políticos e empresários em torno da publicação do dicionário, lançado em 1975, em plena ditadura militar. O livro compõe-se de um prefácio (escrito por Beto Sales, filho do escritor e jornalista brasileiro Herberto Sales); seis capítulos: I - Ausência, II - Mestre, III - Saga, IV - Mecenas, V - Dicionário, VI - Epílogo; Agradecimentos e Créditos das Imagens.

O autor conduz a narrativa por dois cenários. O cenário central do volume resume-se, em boa parte, na oposição entre o dionisíaco Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - boêmio, indisciplinado, romântico, amante da boa mesa e das conversas noite adentro, sempre com os bolsos cheios de papéis, com palavras novas e abonações que lhe "caíssem no colo" - e o apolíneo Joaquim Campelo Marques, ex-aluno de Aurélio na EBAPE - FGV (Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, RJ), aplicado, detalhista, estoico, capaz de trabalhar horas em recintos fechados, concentrado, verdadeira liderança organizacional que viabilizou a concretização do projeto do dicionário. Paralelamente, o livro persegue o crescente descontentamento de Campelo, que diz ter trabalhado de graça por vários anos apenas em consideração ao mestre Aurélio. Esse descontentamento e o não pagamento de *royalties* resultarão em processos judiciais, anos mais tarde.

Enquanto Aurélio, apesar de trabalhar intensamente, organizava o trabalho a seu modo, independentemente de prazos, Campelo empenhava-se para resolver as questões práticas. Uma grande parte do livro é dedicada a mostrar os esforços do assistente para convencer empresários e editoras a bancar o projeto ao longo dos anos. Os atrasos e os caprichos do mestre assustavam os investidores, mas Campelo insistia na publicação do *Dicionário*. Quando, finalmente, a Editora Nova Fronteira, de Carlos Lacerda, topou a empreitada, os *royalties* foram divididos entre os colaboradores.

Motta deixa claro, em vários momentos, que a publicação do dicionário não teria acontecido se não fosse a gestão de Joaquim Campelo. Leia-se o depoimento do jornalista Jânio de

Freitas, transcrito na p. 141: “Campelo é o responsável efetivo, factual, pela existência do Dicionário Aurélio”. Ele completa:

Aurélio Buarque de Holanda não tinha espírito de organização, de liderança, para montar o dispositivo todo, para orientar a pesquisa e fazer a distribuição de tarefas, a compilação de material e a edição. O que Aurélio tinha, há séculos, era um fichário de averbações que usou largamente para o sentido das palavras, até com um pouco de exageros.

O livro – com idas e vindas que, às vezes, dificultam um pouco a leitura – sintetiza duas etapas na gestão do *Aurélio*: i) a primeira marcada pela incansável e conturbada busca por um financiador, com descumprimento de prazos, fracassos, prejuízos e frustrações a despeito do ritmo frenético de trabalho de Aurélio Buarque de Holanda e de sua equipe; ii) a segunda, a disputa pela coautoria e por direitos autorais, que resultaram em uma batalha judicial terminada em 2015, no Supremo Tribunal Federal, na qual os assistentes Joaquim Campelo e Elza Tavares perderam os direitos autorais sobre a obra.

O trabalho investigativo de Motta nos ajuda a reconstruir o que a historiografia da linguística chama de horizonte de retrospecção e de projeção. Esses horizontes indicam que o ato de saber se relaciona a um passado por meio de um conjunto de conhecimentos antecedentes e, ao mesmo tempo, a um futuro que dele se desdobra. Entendemos, pois, que “sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber” (AUROUX, 1992, p. 11). Portanto, não se pode falar da gestão lexicográfica do *Aurélio* sem todo esse conjunto de dados compilados e trazidos à luz pelo autor.

Fato a se destacar, ainda, é a bela iconografia, com fotos de intelectuais cariocas e estrangeiros que frequentavam a casa dos Buarque de Holanda no Rio de Janeiro. Destaque para o húngaro Paulo Rónai, o escritor e jornalista Herberto Salles, o poeta Murilo Mendes, entre outros.

Tratando-se de aspectos linguísticos, Motta comete alguns deslizes, por exemplo:

i) ao dizer que o português brasileiro será recriado de “forma absoluta” (*sic*), a partir de 1808: “O Brasil colônia ganharia depois, ao longo do século XVIII, mais e mais importância, até se transformar na sede do Império português em 1808 e recriar a língua de forma absoluta” (p. 83);

ii) ao chamar o galego de espanhol falado na Galícia: "(...) o espanhol falado na Galícia lembra bastante o português" (p. 84);

iii) ao fazer juízos de valor anacrônicos, dizendo que o português antigo era empolado: "Aquela escrita arcaica, empolada, ornamentada, que caracteriza o português culto, aristocrático, foi substituída, no correr da história, por um idioma mais coloquial e prático" (p. 84).

Os amantes de dicionários, lexicógrafos e historiadores das ideias linguísticas encontrarão no volume boas informações sobre os bastidores da construção do dicionário "Aurélio", além de um quadro da intelectualidade carioca – muitos vindos de estados do nordeste brasileiro, como o próprio Aurélio, que era alagoano – da primeira metade do século XX. É uma boa leitura para se aprofundar no mundo dos dicionários, fazendo companhia ao esquecido, mas útil, trabalho de Melo (1947).

## REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

MELO, Gladstone Chaves de. *Dicionários portugueses*. Rio de Janeiro: MEC, 1947.

MOTTA, Cezar. *Até a última página: uma história do Jornal do Brasil*. São Paulo: Editora Objetiva, 2018.

MOTTA, Cezar. *Por trás das palavras: as intrigas e disputas que marcaram a criação do dicionário Aurélio, o maior fenômeno do mercado editorial brasileiro*. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2020. 192p.

### **Behind the scenes of the construction of the “Aurélio” dictionary**

*Review of the book:* MOTTA, Cezar. *Por trás das palavras: as intrigas e disputas que marcaram a criação do dicionário Aurélio, o maior fenômeno do mercado editorial brasileiro*. Rio de Janeiro: Máquina de Livros, 2020. 192p.

**Marcelo Módolo** possui graduação em Letras (português e francês) pela Universidade de São Paulo (bacharelado e licenciatura: 1994); mestrado (1998) e doutorado (2004) em Filologia e Língua Portuguesa pela mesma Universidade. Pós-doutorado (2006) em linguística histórica e semântica cognitiva pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor de Filologia e Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É editor da Revista do GEL. Foi editor da Revista Estudos Linguísticos do GEL e coautor (com o Professor Henrique Santos Braga) da coluna Academia, publicada mensalmente na revista Língua Portuguesa (Ed. Segmento), em que contribuiu para a divulgação científica de trabalhos do campo das Letras. Tem experiência na área de linguística e filologia, atuando principalmente nos seguintes temas: morfossintaxe do português de uma perspectiva cognitivo-funcionalista, filologia (crítica textual) de manuscritos modernos e divulgação científica.